A Divulgação de Músicas Regionais pelo Programa de TV Frutos da Terra e a Caracterização de uma Identidade

Martha Antonia dos Santos Reis

1. *Frutos da Terra*

Frutos da Terra é um programa de televisão, cultural, de cunho regionalista, composto quase que em sua totalidade por apresentações musicais. O próprio nome sugere o caráter do programa: em significação metafórica, a palavra *Frutos* refere-se a *manifestações culturais* e a expressão *da Terra* alude ao significado *do povo goiano*. Exibido por uma emissora afiliada à Rede Globo: a Televisão Anhanguera, o programa tem ido ao ar, por vinte e cinco anos ininterruptos, uma vez por semana. Atualmente sua apresentação ocorre aos sábados às onze e meia da manhã. Seu apresentador, Hamilton Carneiro¹, cita as regiões de abrangência na abertura de cada programa. O programa pode ser assistido nos Estados de Goiás e Tocantins, no Distrito Federal e em algumas cidades do interior do Pará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

O jornal “O Popular”, de maior circulação no Estado, em reportagem feita sobre o programa, na comemoração de seus 25 anos, o considera um caso de sucesso, celeiro de talentos:

Era 1983, em 7 de julho, quando o programa foi ao ar pela primeira vez. [...] Hamilton vinha com a experiência dos dois programas anteriores, o Ube Cultural e o Espaço 2, ambos também na TV Anhanguera, mas estava diante do desafio de um novo formato. Entre as mudanças, havia a prioridade pela coloquialidade com os entrevistados e pelo espaço a artistas regionais. Hoje, 1.118 edições depois, a serenidade e a objetividade de Hamilton continuam as mesmas, apesar do dinamismo da produção televisiva. No saldo positivo, ficaram legados como a boa penetração em diversas camadas sociais e a descoberta de talentos. [...] “Muita gente despontou nacionalmente como Maíra e Bruno e Marrone”, cita Hamilton Carneiro. (Alves, 2008: 1).

Veiculado pela mídia, através de uma emissora de TV com audiência muito significativa no país, o programa divulga músicas populares regionais, evidenciando uma produção musical que se encontra fora dos cânones da indústria cultural. O

¹ Nasceu em Urutaí, Goiás, no ano de 1948. Formado em letras vernáculas, ex-seminarista, é escritor e publicitário. Em 1966, foi para a TV Anhanguera, como operador de filmes. Depois, tornou-se diretor de TV. Em 69, foi para a Globo, como estagiário. Em 71, se tornou funcionário efetivo da Globo, fez direção de externas do programa Som Livre Exportação e da primeira versão da telenovela Irmãos Coragem. Atualmente é apresentador do programa Frutos da Terra.

programa oferece oportunidade para o público conhecer algumas produções musicais diferentes das produções que compõem o repertório musical veiculado no eixo Rio - São Paulo, disseminado pela televisão brasileira na contemporaneidade.

Artistas de outros gêneros sem ligação às raízes da terra, como bandas de pop, rock e a turma do novo sertanejo romântico, também costumam procurar o programa. “Infelizmente temos de dizer que não é nossa linha”, afirma o apresentador. (Carneiro, 2008: 1).

Basta assistir a uma única exibição do programa para reconhecer que a “linha” mencionada por Hamilton é a do regionalismo.

1.2. O regionalismo no programa

Goiás, como o Brasil, é constituído por um amálgama de culturas. Das culturas indígenas, africanas, européias que originaram as paulistas, mineiras, maranhenses, paraenses, baianas que formam, atualmente, um verdadeiro mosaico cultural. Ainda que em meio a esse multiculturalismo, percebe-se que o programa mantém uma linha cultural unidirecional e, por conseguinte, excludente. Ele prioriza, entre o gênero rural, a música caipira, entre o urbano, as canções de compositores, se não nascidos em Goiás, que pelo menos tenham algum vínculo cultural com a região.

Com a proposta de resgate de nossas raízes o programa contribui para minimizar o preconceito que existe em relação à cultura caipira:

“Nossa opção por acabar com a chacota contra o caipirismo seria marcante , já que até então as pessoas tinham vergonha”, lembra o apresentador, legítimo representante do interior. (Carneiro,2008: 1).

“O programa tem certa diversidade cultural. E se assume como caipira. Defendo o caipira, sem caipirice, sem a caricatura do caipira. (Carneiro, 2004: on-line).

Pode ser que Hamilton, como admirador e defensor do regionalismo, preocupado com o desaparecimento da cultura caipira, tenha se inspirado em alguns dos vários artistas e intelectuais brasileiros, sensíveis às manifestações culturais tradicionais e regionais, quando idealizou o Frutos da Terra. Certamente, Gilberto Freire faz parte desse conjunto de estudiosos socioculturais que o apresentador admira.

O escritor e sociólogo considerava que a necessidade da valorização do homem rural como "resgate de um desvio histórico" era assunto do maior interesse para o Brasil

(FREIRE, 1978; grifo do autor). Num passado considerado recente, preocupado com o desaparecimento da cultura caipira, tomou atitudes comprometidas com o social e o cultural. Usando de seu talento de escritor, escreveu inúmeros artigos para a imprensa, nos quais demonstrava essa preocupação. Observe o que disse no artigo intitulado “O homem e as paisagens rurais”:

O processo de desvalorização do homem do campo no nosso país é conseqüência do progresso da cultura do café no século XIX. Realmente é curioso notar como o homem rural – refiro-me ao trabalhador – tem sido uma vítima do progresso – no norte, da indústria do açúcar, no sul, da cultura do café – do ponto de vista de sua saúde, de sua alimentação, do seu vigor físico, de suas condições de vida material e moral. Basta observar-se o seguinte: que iniciou-se no Brasil, desde os princípios do século XIX, uma espécie de revolução da paisagem ou da topografia; que não podia deixar de refletir sobre a saúde da gente rural: a invasão dos altos pelas plantações de café – e até certo ponto de cana: a maior devastação das matas; a preservação das águas. [...] A devastação das matas [...] correspondeu ao mesmo fim exclusivamente econômico: ao furor da monocultura. (FREIRE, 1939).

Da mesma forma, Hamilton Carneiro, na contemporaneidade, usa de seu talento como produtor cultural e também escritor, uma vez que é autor de letras de músicas que falam do imaginário rural (caipira), para fazer frente na luta pela preservação da cultura caipira. Ainda sobre o programa ele argumenta:

No programa apresento receitas medicina popular, curiosidades de almanaque, literatura, a presença do escritor Bariani Ortêncio² falando sobre o folclore, cultura regional. O último programa, por exemplo, abri com um poema de Fernando Pessoa. Mostro as manifestações culturais do nosso povo como as congadas e as duplas caipiras. As letras das músicas caipiras são verdadeiros documentos sobre o campo. O processo migratório foi muito brutal. Máquinas poderosíssimas estão acabando com o nosso cerrado para plantar soja. Há um choque violentíssimo, mas também há certa convivência. Nos arredores de Goiânia temos os mutirões. As duplas caipiras, na linha de Tônico & Tinoco, André & Andrade, registram esse passado, esse choque cultural. Assim como Jorge Amado registrou a Bahia em seus romances, um Zé Fortuna ou um Goiás registraram a história do interior brasileiro. Não podemos ignorar essa cultura. (Carneiro, 2004: on-line).

Sobre o escritor Hamilton Carneiro:

A paixão pela literatura levou Hamilton a desenvolver um trabalho como letrista, mantendo várias parcerias musicais. [...] O envolvimento de Hamilton com a música começou em sua infância, em Ipameri. Lá, teve contato com artistas sertanejos, na escola fez teatro e escreveu os primeiros poemas. (CRUVINEL; CHAFFIN, 2006: 25).

² Waldomiro Bariani Ortêncio é escritor, folclorista e membro da Academia Goiana de Letras.

Segue, abaixo, o poema de Hamilton, “Frutos da Terra”, que Genésio Tocantins musicou. O poema conta as belezas do cerrado. É tema de abertura do programa nesses últimos 15 anos.

Periquito tá roendo o côco da guariroba
Chuvinha de novembro amadurece a gabirola

Passarinho voa aos bandos em cima do pé de manga
No cerrado é só sair e encher as mãos de pitanga

Tem guapeva lá no mato
No brejinho tem ingá
No campo tem curriola, murici e araçá
Tem uns pés de marmelada depois que passa a pinguela
Subindo pro cerradinho, mangaba e mamacadela

Cajuzinho quem quiser é só ir buscar na serra
Não tem nada mais doce que o araçá dessa terra

Manga, mangaba, jatobá, bacupari, gravatá e articum
Olha o tempo do pequi (CRUVINEL; CHAFFIN, 2006: 62).

Provavelmente, se Freire vivesse nos dias atuais e tivesse a oportunidade de ouvir este poema/ música, ele o admiraria e o incluiria na lista que apresentou em seu artigo para a imprensa, “Regionalismo brasileiro” (Folha de São Paulo, 1978):

Há quem pretenda ver no Regionalismo brasileiro que vem sendo uma constante na vida e na cultura do nosso País, uma série de episódios de interesse apenas histórico. Depois de madrugada em Franklin Távora, em Inglês de Sousa, no primeiro Afonso Arinos, em Alcides Maya, teria culminado no Movimento do Recife na década 20. Num Regionalismo - o do Recife – (Freire, 1978: on-line).

Parafraseando... Ele acrescentaria: “*Teria culminado, no final do século XX e início do XXI, num regionalismo que compõe o poema Frutos da Terra*” (grifo nosso).

O olhar lançado sobre o programa Frutos da Terra considera como sendo uma possibilidade a idéia de que o programa, por divulgar elementos que caracterizam regionalismo, conserva uma identidade cultural.

2. Identidade cultural

Na atualidade, o conceito de identidade cultural, apesar de considerado complexo, recebe várias contribuições de estudiosos socioculturais. Para Leonardo

Boff³ a história de cada ser humano é parte de uma história bio-sócio-cultural que por sua vez é parte da história cósmica (Boff, 2002: 55-57). Dentro da ampla visão que ele tem de identidade, na qual fala de uma “quádrupla identidade”: cósmica, terrenal, pessoal e cultural, este estudo parte desta última.

O termo cultura, em conversa cotidiana comum, equivale às manifestações mais elevadas do espírito, tais como arte, literatura, música e pintura. Para os estudiosos do assunto, o termo engloba estas atividades e muito mais. Boff teoriza a identidade cultural:

O ser humano criou a cultura, realidade especificamente humana. Criou-a a partir de intervenções sobre si mesmo e sobre a natureza. Essas intervenções permitiram que criasse o *habitat* humano que o grego, com justeza, chamava de *ethos*. *Ethos* em grego - donde vem a palavra ética -, é a morada humana. Quer dizer, aquele pedaço do mundo que escolhemos cuidadosamente, organizamos e nele construímos nossa habitação permanente. (Boff, 2002: 56).

Considera-se que a identidade cultural decorre tanto de leituras individuais quanto de coletivas que o indivíduo faz de si e do meio em que vive. Assim sendo, é mister conhecer a origem da sociedade a qual esse indivíduo pertence, como se deu o início do processo de construção dessa sociedade, posto que o modo que se inicia uma sociedade interfere na identidade de seus pertencentes. Há que se considerar, não só a origem, o início do processo de construção, mas também como se dá esse processo na atual fase das sociedades.

2.1. Identidade cultural goiana: o início do processo de construção

A história pode ser uma via legitimadora da identidade. A autenticidade aplicada à identidade é freqüentemente relacionada ao passado. É preciso considerar o passado, pois ele nos diz quem fomos, o que somos e o que podemos ser. Deste modo, é bom que se faça, pelo menos, um breve apanhado da história do Brasil, das matrizes culturais do povo brasileiro, para que se possa compreender a origem da identidade cultural de Goiás. Trata-se de uma visão complexa de sociedade, na qual grupos sociais são partes inseparáveis de um todo. Encontram-se em interconexão, também cultural, entre si e com o todo. É a diversidade cultural que sempre compôs a unidade da cultura brasileira.

Sobre essa diversidade na unidade cultural, Ribeiro comenta:

³ Teólogo, escritor e professor da UERJ.

A cultura brasileira é de retalho. [...] Os povos indígenas fizeram uma fusão cultural com portugueses, poucos, e com negros vindos da África. Dessa sementeira humana nasceu um povo, nação [...] cultural e lingüisticamente unificada, certa e segura de sua própria identidade. [...] O Brasil é resultante da fusão de desses milhões de gentes desencontradas. Uma fusão genética e espiritual. Espiritual pela confluência que aqui se deu dos patrimônios culturais de nossas diversas matrizes. Tudo isso nos plasmou como povo mestiço na carne e no espírito. E essa mistura, ainda hoje, está se fazendo. (Ribeiro, 1995).

É sabido pela historiografia moderna que a instauração de uma colônia portuguesa no território brasileiro foi parte de um projeto explorador que se integrava à dinâmica política, social e econômica do desenvolvimento europeu da época.

No período colonial e até mesmo no período que se segue à Independência, havia um Brasil civilizado - a Corte no litoral - e um Brasil longínquo, alheio à civilização - o interior, o sertão. Ribeiro descreve esse espaço geográfico, denominado sertão, fazendo relação com as vegetações que o compunha:

Para além da faixa nordestina das terras frescas e férteis do massapé, com rica cobertura florestal, onde se implantaram os engenhos de açúcar, desdobram-se as terras de uma outra área ecológica. Começam pela orla descontínua ainda úmida do agreste e prosseguem com as enormes extensões semi-áridas das caatingas. Mais além, penetrando já o Brasil Central, se elevam em planalto como campos cerrados que se estendem por milhares de léguas quadradas. (Ribeiro, 1995: 339).

Este espaço significava as terras que estavam sendo descobertas, portanto um local a ser civilizado para a construção da nação. Neste espaço foi surgindo “uma gente diferente”: os sertanejos. “O sertanejo é fruto da mistura entre os ameríndios e os brancos mestiços que se deslocaram de São Paulo e Bahia, fazendo avançar a fronteira agrícola.” (Ribeiro, 1995).

Com o mesmo projeto explorador, os paulistas adentraram o interior do país.

A grande esperança dos paulistas em suas entradas no sertão sempre foi deparar com minas de ouro, prata ou pedras preciosas. [...] Tais foram as zonas de mineração descobertas pelos bandeirantes paulistas nas serrarias do interior do país ao alvorecer do século XVIII, em Minas Gerais (1698), depois em Mato Grosso (1719) e, mais tarde em Goiás (1725). (RIBEIRO, 1995: 372).

Neste espaço, o sertão era visto como uma região atrasada, terra de selvagens, de índios. O índio é um dos ícones do sertão. A idéia de atraso foi construída a partir da concepção que os viajantes (bandeirantes) tinham do interior e, portanto, da região Centro-Oeste. Nars Chaul nos mostra a visão dos viajantes com relação a Goiás:

Goiás carecia de povoamento, de gente para produzir, de capital e desenvolvimento. Goiás, conseqüentemente, era totalmente diferente da terra que povoava as idéias dos viajantes e divergia ao extremo daqueles padrões europeus de modernidade e progresso. (Chaul, 1995: 15).

Tal como hoje, Goiás, na época dos viajantes, era visto pela perspectiva da lógica do desenvolvimento capitalista. Era o início do ciclo do ouro. A supremacia dos bandeirantes sobre os índios foi fundamental para a conquista inicial do sertão goiano. Sabe-se pela historiografia que os bandeirantes eram ardilosos, não vinham para criar povoações, mas para explorar. O contato entre bandeirantes e índios foi o fundamento da história de Goiás. Aliás, foi o fundamento não só da história de Goiás, como da história de toda a América Latina. Canclini (2003, p.73-74) afirma que os países latino-americanos são resultados da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas com o hispanismo colonial católico. Na exploração dos “selvagens” pelos “civilizados” surge a possibilidade de “vencer” a selva, de “domesticar” o sertão. Nos primórdios da história do Brasil, o termo sertão significava o que está longe, o que está além dos homens, da cultura. O sertão “é o sem lugar” (PIMENTEL, 1997: 15).

Por um longo período que vai do descobrimento do Brasil até aproximadamente o final da década de 1920, os significados que recobriam o signo sertão giravam em torno de uma constelação de atributos, cujo denominador comum se aproximava da idéia de perigo virtual. Esses atributos – de que a categoria, a seu tempo, nasceu impregnada – remetiam para noções próximas das idéias de distância, terra sem lei, lugar povoado por indígenas e feras, lugar sem conforto devido ao vácuo de civilização, lugar oposto a todas as conquistas a que o litoral permitia ter acesso, reino absoluto da liberdade e do desregramento, lugar de conquista, espaço habitado por bandoleiros e selvagens onde a desordem imperava, etc. (PIMENTEL, 1997: 18).

Com o passar do tempo, a idéia de atraso foi amenizada, o sertão passou a ser uma oposição ao urbano, um sinônimo do rural. A partir do século XX, um novo campo semântico passa a envolver o termo, surge, então, um novo discurso, o qual revaloriza e ressignifica a idéia de sertão. O processo de ressignificação recebe contribuições principalmente nas áreas da música e da literatura. A contribuição cultural musical nesse processo de ressemantização da idéia de sertão se inicia pouco antes de 1930, época em que surge um novo gênero musical, o da música caipira⁴. Nas décadas seguintes começam as contribuições literárias. No universo cultural literário, a contribuição de maior destaque foi o romance *Grande sertão: veredas* (1972) de João

⁴ Sobre este novo gênero musical que se separou da “Música Popular Brasileira” (MPB) e que atualmente apresenta-se com diferentes formas - caipira, sertaneja e *country* – serão apresentados comentários, embasados na perspectiva de Pimentel, em capítulo posterior.

Guimarães Rosa, provavelmente pelo fato do romance ter se constituído num momento de transição da idéia de sertão.

Diferentemente dos chamados “escritores de 30” (Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado), na obra de Guimarães Rosa pode-se perceber o momento da passagem configurado na idéia de um sertão (“o ser sertão”) que deixa de ser particularmente vergonhoso para se converter em algo universalmente dramático. Com Guimarães Rosa, o sertão deixa de ser o indesejável para se converter no inevitável. É como se o autor dissesse: ainda que eu não o entenda como o único, o sertão é o espaço privilegiado do entendimento do ser humano. (PIMENTEL, 1997: 19; grifo do autor).

A exploração de um povo sempre provoca sentimento de humilhação. Segundo o historiador, “o estigma de terra de atraso, da decadência, do marasmo e do ócio serviu para identificar o goiano por vários séculos”. (CHAUL, 1995, p. 12). Essa imagem negativista agiu sobre a forma de se ver da sociedade, gerando em alguns indivíduos sentimento de exclusão.

Goiás, por muito tempo foi visto como a terra do atraso. Portanto, era preciso “transformar o sertão goiano em uma terra onde houvesse progresso.” (PEREIRA, 1995, p.71). O progresso é alcançado por meio da modernização. A modernização era vista como uma integração ao mercado e desenvolvimento econômico. Para que houvesse essa integração era preciso romper com o passado “atrasado”. A modernidade é concebida a partir da década de trinta com a idéia da construção de uma nova capital para o Estado, um centro urbano moderno, erguido no meio do sertão.

Na década de trinta. Pedro Ludovico, principal idealizador do projeto, quis erguer no sertão, bem no coração do país, uma cidade capaz de traduzir todo o espírito de modernidade no apogeu dos anos trinta. Fruto do Estado Novo, a realização do projeto foi o grande marco de ocupação do interior do país.

Em entrevista feita por Marcelo Costa⁵ à Bariani Ortêncio⁶, encontram-se as palavras desse grande folclorista contando algumas curiosidades a respeito do início do processo de identificação do cidadão goiano e da escolha de um nome para a capital:

Nós somos goianos desde o dia 7 de novembro de 1749, antes aqui era Capitania de São Paulo. Antes quem nascia aqui era paulista. No dia 7 de novembro de 1749 Dom João V criou a capitania de Goiás, aí veio Dom Marcos de Noronha, que era da capitania de Pernambuco, que era o Conde dos Arcos, tanto é que ele veio e o Palácio de Goiás se chama Conde dos Arcos em homenagem a ele, que foi o primeiro governador de Goiás. Daí pra cá é que quem nasceu aqui é goiano.

Depois Goiânia. Goiânia se chamava a nova capital, não tinha posto nome ainda. Em 1937 houve, no jornal *O Social*, um concurso para pôr o nome, aí foi um tal de “P” por

⁵ Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás.

⁶ Waldomiro Bariani Ortêncio é escritor, folclorista e membro da Academia Goiana de Letras.

causa de Pedro Ludovico: Petrópolis, Penápolis, Petrolina, Pelute (Pedro Ludovico Teixeira, a sigla), teve Goianésia, teve muito nome. Aí meu professor de De inglês, Alfredo de Castro, ele entrou com o pseudônimo de Caramuru e com o nome de Goiânia, então o Alfredo ganhou com esse nome. (COSTA, 2007 p. 130).

2.2. *Identidade cultural goiana: o processo de construção na atualidade*

A construção da moderna cidade de Goiânia, não foi suficiente para fazer com que a sociedade goiana se desvincilhasse totalmente de seu passado rural, sertanejo. Desde sua fundação até os atuais dias deste século XXI a cidade tem passado por um processo ativo de transformações culturais que mesclam não apenas campo/cidade e tradição/modernidade, como também litoral/sertão, provinciana/cosmopolita, inclusão/exclusão, moderno/pós-moderno, local/regional/nacional/global. As transformações culturais pelas quais tem passado não apenas Goiânia como todo o Brasil tem como fundamento o processo de modernização que ocorre em constante transformação.

Nas sociedades pós-modernas encontra-se presente a apologia do novo. Novos estilos e preferências, como modas, estão sempre emergindo. Aquilo que está *na moda* agora vai estar *fora de moda* logo e os ciclos de mudanças estão ficando cada vez mais curtos, impulsionados pela tecnologia e pela mídia. Há um anseio em conquistar novos mundos, novas técnicas, novos conhecimentos, em produzir novos materiais.

Por estarmos vinte e quatro horas “on-line” temos acesso ao novo através de nosso domicílio eletrônico: “Essa tecnologia estrutura um Goiás multicultural onde mais do que o cultivo da terra, nossa cultura é do acesso, da experimentação, da experimentação.” Sobre um Goiás tradicional e ao mesmo tempo moderno culturalmente, Décio, gerente da Unidade de Negócios Culturais e Turismo do SEBRAE, em artigo de uma revista eletrônica Barulhos do Cerrado, discorre:

Mas essa frente não é realidade em todo o estado de Goiás. Ainda temos muito de terra, de etnias, de gastronomias e de toques sem teclados. Tocamo-nos e somos tocados. Nós ainda nos vemos olho no olho. Esses territórios e tempos que nos ofertam alteridades e diversidades como a cena das congadas dentro de Goiânia e do rock independente de Inhumas, das curvas do Centro Cultural Oscar Niemeyer ao adobe da comunidade calunga, aguçam e inspiram nossa criatividade. (2004, on line).

A sociedade goiana pós-moderna é caracterizada pelo pluralismo, pela diversidade. Numa sociedade caracterizada pelo multiculturalismo, com a realidade da

internet desfazendo as fronteiras culturais e facilitando a expressão de identidades “prontas” para serem usadas, a identidade requer ser vista como um processo que, com base no pensamento de Hall, faz com que a identidade na “modernidade tardia” seja algo não fixo, não cristalizado e imutável. Elas se apresentam como identidades plurais, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas.(2006, p.18). Hall nos alerta que “em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento [...] que constrói biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade”. (2006, p. 39). Ainda pontua: “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.” (2006, p. 13).

3. Conclusão

Sendo a cultura, as manifestações artísticas e a identidade cultural alteradas sob o efeito de iniciativas ou de inovações que florescem no seio da sociedade, o programa Frutos da Terra revela-se um fenômeno cultural importante à medida que valoriza a cultura regional e, com isso, contribui para com a preservação dessa cultura.

Além de valorizar a cultura regional, o programa

A atitude de valorizar o regionalismo, na atualidade, pode ser vista como um combate ao efêmero, à apologia do novo, à flexibilidade das identidades socioculturais e às transformações pelas quais a sociedade goiana tem passado.

O programa Frutos da Terra é predominantemente musical, ainda que apresente quadros que mostram a culinária goiana (quanto a esse quesito foi o pioneiro no Brasil em focar receitas regionais), o humor do cerrado, curiosidades científicas sobre a natureza, explicações de expressões usadas na linguagem popular, “causos” sertanejos e declamações de poesias goianas.

“A música de um grupo humano é a voz desse grupo e é esse próprio grupo” (A. SHAEFFNER apud CANDÉ, 1994:15).

Sabe-se que a música reflete uma identidade cultural.

Entre as músicas regionais que o programa Frutos da Terra divulga encontram-se as do gênero rural. Foi constatada, por meio da observação e do diálogo com o apresentador do programa, a predileção por uma das formas musicais desse gênero: a música caipira.

Ao tentar entender essa predileção do programa pela música caipira, conclui-se que ele prima pelo estilo raiz, excluindo, até certo ponto, a neo-sertaneja.

Da mesma forma que a música sertaneja também foi influenciada pelos paraguaios e mexicanos. Então as duplas começaram a gravar versões de músicas mexicanas de Miguel Aceves Mejía, Anquito, Antonio Aguilar, especialmente as duplas Tibagi & Miltinho e Pedro Bento & Zé da Estrada. Foi uma deformação. Vieram os gritos agudos, que influenciam as duplas sertanejas atuais. Não sei no que vai dar essa música. [...] Respeito muitas duplas, como as duplas Leandro & Leonardo, agora com o Leonardo cantando solo. Também tenho muito respeito por Zezé di Camargo & Luciano. Não é minha área, mas acho que eles fazem muito bem o que se propuseram a fazer. [...] Acho que há um preconceito indevido dos intelectuais em relação a essas músicas. Talvez porque os intelectuais não se dão ao trabalho de estudá-la em profundidade. Tudo tem uma razão de ser. A música é reflexo de alguma coisa. Agora, sem dúvida, há muita apelação na música neo-sertaneja. Se a gente escuta a palavra ama pode ter certeza que logo depois vem cama. (CARNEIRO, 2004, on-line).

Diante do que foi visto sobre a identidade cultural, tendo como base estudos de teóricos socioculturais, pode-se afirmar que a identidade goiana não é encontrada por um único caminho. Há outros com os quais os goianos se identificam. Relacionar a identidade goiana a determinadas manifestações (cavalcadas, catiras, carreatas de carros de boi, música caipira, etc.) e excluir outras, é desconsiderar que ela possui muitas facetas (é plural) e que essas se movimentam formando um conjunto nem sempre uniforme, mas constantemente dinâmico. Contudo, é ter uma postura pós-moderna que reconhece as múltiplas formas de alteridade.

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global na pós-modernidade, há também uma fascinação com a diferença e com a alteridade. Frutos da Terra demonstra fascínio pelo regional, elegendo o local no global.

Afinal, pluralismo cultural é isso, é admitir a coexistência de diferenças sociais ou culturais, ou étnico-sociais, paralelas ou convergentes, numa sociedade global, sem prejuízo, e até com vantagem, para essa sociedade.

Referências

ALVES, Rodrigo. “Frutos da Terra festeja 25 anos recheados de histórias marcantes.” *O Popular*, Goiânia, 2 ago. 2008. Magazine, p. 1.

BELÉM, Euler; SILVA, José Maria. 2004. “O homem que renasce com Íris”. *Jornal Opção*. Goiânia, dez. 2004. <http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Entrevistas&idjornal=112> Consulta: 06/2007.

BOFF, Leonardo. 2002. “Ensaio de complexidade”. En: *Identidade e complexidade*. CASTRO, Gustavo de. (Coord.) 3. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 55-67.

CANDÉ, Roland de; BRANDÃO, Eduardo (Trad.). 1994. *História Universal da Música*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, Volume I.

CHAUL, Nars Fayad. 1995. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Editora da UFG.

CRUVINEL, Reny; CHAFFIN, Luiz. 2006. *MPB em Goiás*. Goiânia: Super Print.

FREYRE, Gilberto. 1978. “Regionalismo brasileiro”. Folha de São Paulo. São Paulo, 06 set. 1978.)

http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/regionalismo_brasileiro.htm,
Consulta: 08/2008.

RIBEIRO, Darcy. 1995. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

PIMENTEL, Sidney Valadares. 1996. *O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão*. Brasília, DF, Tese de Doutorado em Antropologia Social, UNB.